



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 66 - NÚMERO 597 - NOVEMBRO de 2005

CERJ
Boletim

IMPRESSO

1965

© CERJ comemora 40 anos deste histórico ano



Foto cedida pelo Wal



EXPEDIENTE 2004

Presidente:

Waldecy Mathias Lucena

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Manuela Dantas

2 - Ana Paula de Almeida

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Fernando Fajardo

Diretora Social

Miriam Gerber

Auxiliar Dr. Social

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretor de Divulgação

Guido Ferraz

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

ASSEMBLÉIA GERAL

Presidente

Jose Carlos Muniz Moreira

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Silvia Noronha

Ronaldo Paes

Nino Bott de Aquino

Boletim Informativo do CERJ:
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que mencionada a fonte

EDITORIAL

Este mês está saindo a tão esperada homenagem dos 40 anos do ano de 1965. Através de relatos de três protagonistas desse inesquecível 1965, Carrozzino, Etzel e Salomyth, tentamos reconstituir um pouco do que passou neste ano - 11 conquistas para o CERJ, a poderosíssima ETGE de 1965 e o início da arrancada para a compra da sede própria.

Em seu relato, Carrozzino nos conta que eram três "frentes de trabalho" a conquistar montanhas pelo CERJ. Três escolas diferentes de escaladores com escaladas e conquistas maravilhosas. Contamos também com fotografias tiradas durante as aulas práticas da ETGE, fotos estas cedidas pelo Carrozzino.

Outro assunto abordado neste boletim, são dois relatos feitos pelo Paulo Maurício e pelo Muniz a respeito do Everaldo. Como o Everaldo, Muniz e Paulo Maurício pertenceram a "Tropa de Choque" do CERJ. Os três juntos ajudaram em muito a manutenção de nosso querido CERJ. Nada mais justo então o relato dos dois.

Neste feriado de dois de novembro iremos à Pedra Bonita onde plantaremos uma árvore (ao lado da árvore do Rothier), numa simples homenagem ao nosso ex-presidente Everaldo.

Waldecy Mathias Lucena

Presidente CERJ



GALERIA DE FOTOS

ETGE 65



CHAMINÉ PELLEGRINI



CONQUISTA do paredão IV centenário



CONQUISTA do paredão gurilandia



| Data | Atividade | Tipo | Responsável |
|----------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------|
| 2 de novembro | Pedra Bonita (Caminho Normal) | Caminhada Leve | Diretoria |
| 2 de novembro | Pedra Bonita (Via Grotão) | Caminhada Leve Superior | Júlio |
| 2 de novembro | Leonel Terray | Escalada 3° III Sup | Miriam e Sílvia |
| 5 de novembro | Andança na Floresta da Tijuca | Caminhada Leve | João Mollica |
| 6 de novembro | Platô da Íbis | 5° V (A1/VIIa) | Júlio e Sílvia |
| 7 de novembro | Mutirão de Reflorestamento | Ecológico | Sávio |
| 12 de novembro | Paredão 30 de Julho | Escalada 4° V Sup | Raquel |
| 13 de novembro | Serrilha do Papagaio | Caminhada Leve Superior | Carrozzino |
| 15 de novembro | Alto do Mourão | Caminhada Leve Superior | Miriam |
| 15 de novembro | Paredão Oswaldo Pereira | Escalada 4° VI (A0/VIIa) | Júlio |
| 15 de novembro | Sudoeste do Alto do Mourão | Escalada 4° V | JP |
| 19 de novembro | Paredão Unicec | Escalada 3° III Sup | Arthur e Puppín |
| 19 de novembro | Paredão K2 | Escalada 4° V | Raquel |
| 27 de novembro | Paredão Antares | Escalada 2° III | Carrozzino |

PARECE QUE FOI ONTEM

Mas este ontem está fazendo 40 anos. Foi em 1965, talvez o ano de ouro do CERJ, onde arrancamos para a posteridade, e o ano das conquistas, sendo algumas bem expressivas.

Eu era um garoto cheio de sonhos e esperança, com um pouco mais de um ano de montanhismo, e tive o privilégio de participar de alguns eventos naquele ano dourado. O momento mais marcante deste ano foi o início do engajamento de todos os cerjenses na busca da aquisição da sede própria. Éramos um grupo tão homogêneo que quando a comissão tomava uma decisão, todos participavam. Lembro-me, com aquela visão de jovem, de pessoas como o nosso presidente Amélio Fabbri (o mentor do projeto), Pauleca (o projetista), a Marly Campello (secretariando tudo), todos os guias e antigos cerjenses participando do projeto que alguns anos depois imortalizou o nosso CERJ. Começamos as conquistas daquele ano em janeiro, onde fizemos a primeira no dia do aniversário do clube. Foi o Pico do Dedo, uma linda montanha no Espírito Santo, onde Etzel, Claudinho e o saudoso Jose Luiz desbravaram uma linda chaminé. Leiam o relato do Etzel.

Tínhamos três grupos de conquistadores bem distintos. O primeiro grupo, o mais velho, era formado pelos lendários Minchetti e Salomith, com a participação da Alice Maryan e do Thiers Meirelles. Esta galera conquistou o Circuito Cerj e a chaminé 14 de Julho, sendo as duas em Itatiaia, a clássica via Lionel Terray, o Paredão Ventania e a mais importante, que foi o Caminho das Orquídeas (liga a Pedra da Cruz ao Mirante do Inferno). Este caminho possibilitou a chegada ao São João e principalmente a Agulha do Diabo, num tempo muito inferior ao que se fazia, evitando o contorno, subida e rapel no São Pedro.

O segundo grupo tinha o Garrido, Waldo e Jose Roberto, que juntos com o Etzel formavam a vanguarda dos escaladores, optando pelo material móvel. No ano seguinte, os três primeiros conquistaram a diretíssima Saint Exupéry, no Corcovado, registrando um marco nas escaladas em artificial.

O terceiro e último grupo participava mais das atividades do CERJ e por conseguinte era um grupo bem maior. Este grupo conquistou o IV Centenário - onde foi utilizado pela primeira vez grampos de expansão de ¼ feitos de pinos de um piano e confeccionados pelo Pellegrini, o Paredão Gurilândia (Dona Marta), Chaminé ETGE (Itatiaia), Vera Regina (Irmão Menor do Leblon) e a Chaminé Pellegrini (Pico Menor de Friburgo).

Como eu participava deste último grupo posso tecer alguns comentários destas conquistas. O IV Centenário foi conquistado em fevereiro e na última investida (Pellegrini, Claudinho, Bravin, Ronaldo Werner, Jose Juiz e Eu), debaixo de um forte calor, chegamos ao cume por volta das quatro horas da tarde e como de costume sem levar água e comida. O que mais me marcou neste dia, foi quando olhei para o J.Luiz e pude ver os seus lábios totalmente brancos pela secura (e ele era mulato).

A Chaminé ETGE foi conquistada por participantes da escola de guia daquele ano (Claudinho, Nilo, Silvio Rego e J.Luiz), a qual também fiz parte, num dia em que o nosso instrutor (que não foi o Pelle) nos deu um dia de folga no treinamento de acampamento que estava acontecendo. Deram uma fugida e conquistaram a via.

O paredão Gurilândia (Pelle, J.Luiz, Pauleca, Guilherme Ribeiro, Reinaldo Benkhen e Eu). Foi conquistado para fazermos uma apresentação de montanhismo nas comemorações do Clube Gurilândia, em Botafogo, onde eram sócios os filhos do Benkhen. Esta foi a última grande peripécia do Homem do Itabira (que privilégio). Fizemos uma demonstração de rapel noturno, iluminados por holofotes do exército.

No Vera Regina, em homenagem a esposa do Leuzinger, (Claudinho, Leuzinger, Pellegrini, Pauleca e Eu), no dia da última investida, o Leuzinger se comprometeu de levar um lanche para todos, feitos pela Vera (sua esposa), a fim de comemorarmos o evento. Na hora do lanche ele me aparece com uma bisnaga de pão francês de três dias, dura como a cara

a chaminé, além de estreita, era formada por placas que se desprendiam ao serem tocadas, oferecendo perigo ao participante. O Cláudio apesar do sacrifício conseguiu colocar um grampo. Esta chaminé mede aproximadamente 60 metros.

Finalmente às 20:00 hrs, já totalmente no escuro, chegávamos ao grande platô final, onde a rocha se dividia, formando dois cumes. Vencidos pelo cansaço chegamos ao cume menor agarrando-nos em grandes gravatás. Retiramos então nosso farnel que era composto de mais 3 limões, que foram divididos. O calor era insuportável e o vento soprava em direção contrária. O chão estava coberto de espinhos e nossos companheiros eram os camaleões. Despertamos às 5:30 hrs do dia 20 e para nossa alegria vimos que o cume maior seria de fácil acesso devido à quantidade de gravatás ali existentes e às 6:00hs chegamos ao topo do Pico do Dedo. Completamente emocionados tiramos nossas camisas e começamos a acenar para os habitantes da região que tinham passado a noite em claro, receosos de que algo nos acontecera. Mais tarde veríamos a saber que, durante a noite, havia corrido um boato que o Pequeninho (Cláudio) havia caído e que o Alemão (Etzel) e o Outro (José Luis) estariam presos lá no alto.

Sem saber que um de nós havia sido morto pelos boatos, a alegria era geral, ouvíamos gritos que partiam de todos os lados e lá ficamos até às 7:00 hrs quando passou um caminhão de leite, buzinando em resposta ao nosso aceno. Às 8:00 hrs começamos a descida. No cume foi colocado um grampo para facilitar a descida e neste grampo ficou uma plaqueta de grampo de expansão com o nome dos conquistadores e a data da conquista. Às 10:30 hrs chegávamos à base onde fomos alvo de uma calorosa manifestação por parte dos moradores da região. Às 11:30 hrs chegávamos ao acampamento, onde apesar de bastante cansados, ainda nos demos ao luxo de fazer galinha com purê de batatas uma deliciosa “Coq au purê du pome de terre” preparada pelo nosso insuperável “grand maître du cuisine” José Luiz.

Etzel Von Stockert

PICO do DEDO

Etzel Ritter von Stockert
Cláudio Vieira de Castro
José Luiz Barbosa da Silva

Às 7:00 hrs do dia 17 de janeiro de 1965 fomos despertados por umas galinhas na fazenda dos Martins ao pé do Pico do Dedo. Depois de 4 dias de viagem, o Rio de Janeiro tinha ficado para trás. Finalmente uma noite bem dormida, apesar de alguns pesadelos com as infundáveis horas de viagem nos ônibus, trem e caminhão, que havíamos usado para chegar até este pontão com aproximadamente 200 metros de altura, cortado por uma chaminé que ia da base ao topo em Cristalina no Espírito Santo. Recebermos dos nossos anfitriões uns litros de leite tirado a simpática Data, com o qual preparamos um saboroso mingau de aveia, não sem antes assistir o José Luiz (José Luiz Barbosa da Silva) e o Cláudio (Cláudio Vieira de Castro) tomando vários litros de leite no “víra víra” que viria a se mostrar um erro fatal pois atraiu a Vingança do Montezuma, da qual principalmente o José Luiz foi vítima. Às 8:15 hrs chegávamos à base. A primeira investida foi feita pelo Etzel em rocha sem oferecer muita segurança, pois era composta de placas soltas que dificultavam a ascensão. Finalmente, após 35 metros de chaminé foi colocado um grampo (ao lado do colocado pelo Pellegrini anos antes durante uma viagem de exploração ao ES), que devido à má posição para se colocar o grampo, estava torto. Logo a seguir, subiu o Etzel (Etzel Ritter von Stockert) que colocou outro grampo 15 metros acima do colocado pelo Pellegrini e logo após foi a vez do Cláudio, que colocou outro 15 metros acima do colocado pelo Etzel. Continuando, subindo mais 25 metros, o Cláudio chega ao 1º grande platô sempre seguido pelo Etzel que colocou novo grampo já no platô onde a se abre à chaminé. Devido a insuficiência de corda, não nos foi possível maior progresso e deu-se início a descida, chegando à base às 16:00 hrs, onde para nossa surpresa nos deparamos com um grupo de aproximadamente 20 pessoas, habitantes da região que aguardavam nosso regresso. Ainda seguidos por nossos admiradores, que fizeram questão inclusive de carregar todo nosso equipamento, chegamos ao acampamento às 16:30 hrs. Desta feita, ficamos pensando no jantar, quando nos lembramos da galinha que conseguimos com o pessoal do sítio. Fizemo-la com espaguete. Supimpa, um verdadeiro Coq caipira ou Macaroni preparado pelo José Luiz. Recolhemo-nos às 22:00 hrs. No dia 18 às 7:30 hrs embarcávamos no caminhão, dos simpáticos Aristeu e José, que nos conduziu à Nova Venécia que alcançamos às 9:30 hrs. Levávamos também uma missão importantíssima que era conseguir uma folhinha com o Sagrado Coração, que nos foi pedida pela nossa “hostess” além dos 80 metros de corda, querosene, queijo e pão. Após a compra da corda, nos dirigimos à paróquia, onde para nossa decepção não encontramos a folhinha. Então apelamos para o Pároco que gentilmente nos cedeu um exemplar. Após o almoço fomos tomar um sorvete num bar da praça enquanto a vitrola tocava o (único) disco com a música Dominique, um sucesso já ultrapassado, mas que era novidade na região e que tivemos que escutar durante quase 7 horas. A lavagem cerebral havia sido tão profunda que dias depois nos surpreenderíamos cantarolando Dominique – nique – nique... para o desespero dos ouvidos do José Luiz, educados durante anos nas aulas de Canto Clássico e na Galeria do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Deixamos Nova Venécia às 18:30 hrs, pois o caminhão do leite atrasara-se um pouco. Chegamos ao acampamento já bem tarde, isto é, às 22:30 hrs devido à condição da estrada, que apesar de esburacada nos oferecia belíssimos panoramas iluminados pela lua cheia. Ao chegarmos tivemos ainda tempo para preparar uma sopa, e às 23:30 hrs nos recolhíamos. No dia 19, isto é, o dia seguinte, era o grande dia, o dia da decisão, pois apostávamos “todas as fichas” no término da conquista. Às 8:45 hrs dávamos início à escalada. O tempo se apresentava bom, com algumas nuvens de chuva a distância. Começamos a escalada às 9:00 hrs e era assim constituída: Cláudio à frente, seguido pelo Etzel sendo José Luiz o último com a incumbência de transportar o material. Às 12:30 hrs chegávamos ao grande platô. Após chuparmos uma tangerina verde das 5 que levávamos e trocamos algumas impressões o Cláudio continuou subindo por uma chaminé estreita que se assemelhava ao nosso Suplício da Chaminé Stop no Pão de Açúcar, chaminé esta batizada de “Tortura”, pela grande dificuldade apresentada, pois

de pau dele, sem qualquer recheio. Ao reclamarmos, ele nos disse que tudo era a mesma coisa e nos pediu um pouco de imaginação que o sabor mudava. Depois da conquista, como eu estava na escola de guia, sai, com o Pelle, direto para as Paineiras onde acampamos para o treinamento de artificial móvel. Neste dia eu vi pela primeira vez a Layla, que tinha sido levada pela D. Marianne (mãe do Etzel).

Já a chaminé Pellegrini (Claudinho, J.Luiz, Jakubowsky, Gino, Reynaldo, Ronaldo Werner e Eu), para mim foi um caso a parte, onde ficamos “morando” no mês de julho daquele ano em Salinas, para fazermos uma das grandes conquistas do CERJ.

Dentre muitos momentos marcantes, tecerei como surgiu a homenagem a este grande amigo e montanhista e o seu desenrolar. O guia da excursão, nas preparatórias, era o Pellegrini, pois foi ele que a descobriu, analisou e levantou todo o material necessário para o evento. A chaminé teria o nome de Saint Exupéry, em homenagem ao grande escritor francês, que na década de 60 era um dos mais lidos. Eu li todos os seus livros.

Quando chegou em maio daquele ano, num treinamento no campo escola da Bica, o Pelle escorregou num lance e ao firmar os dedos na agarra, deslocou o ombro ficando fora do combate por no mínimo seis meses. Tentamos cancelar a conquista, pois não achávamos justo ele não poder participar, mas ele praticamente nos obrigou a seguir o cronograma feito por ele, dando todo apoio logístico a esta conquista.

No dia da conquista, que para nossa felicidade era o aniversário do Reynaldo, todos por unanimidade mudamos o nome da via para Chaminé Pellegrini. No ano seguinte, o Waldo deu o nome do escritor francês a uma diretíssima no Corcovado.

Outro fato pitoresco, foi quando numa folga da ETGE, Claudinho, Reynaldo e Eu, fomos fazer a primeira repetição da Face Sul do Dedo, conquistado pelo Claudinho e o Etzel em setembro de 63. Os dois foram os primeiros a chegar no cume do Dedo sem a utilização da escada, eu fui o terceiro e o Reynaldo, como não conhecia o Dedo de Deus, se tornou o primeiro escalador que pela primeira vez pisava este cume não utilizando a escada.

Ao término daquele ano, como fecho de ouro, houve a formatura da ETGE 65, criando uma grande equipe de guias do CERJ, destacando Claudinho, Jose Luiz, Nilo Lopes, Silvio Rego (pai do Miguel Monteza), Anselmo Pires, Jair Lourenço, Ronaldo Werner, Marianne von Stockert, Leia e Lourdes Figueredo e Carrozzino.

Finalizando, deixo aqui o meu testemunho daquele ano glorioso, o 26º, que contribuiu muito para que o CERJ hoje pudesse estar no rumo do seu centenário. Não duvidem.

Carrozzino
(ontem e hoje)

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Para os meses de outubro e novembro de 2005, o tema preparado pelo nosso sócio-fotógrafo SOBRAL PINTO será a Chaminé Gallotti, a qual o mesmo teve o privilégio de conhecê-la. A Chaminé Gallotti está localizada no Pão de Açúcar e foi conquistada em 25 de dezembro de 1954, pelos alpinistas Antonio Marcos de Oliveira, Laércio Martins, Patrick David White e Tadeusz Edmund Hollup, pertencentes ao Clube Excursionista Carioca. Em tempo: o Sobral já aprontou a próxima exposição que acontecerá nos meses de dezembro e janeiro. O tema será AGULHA GUARISCH.

FESTA DA FEMERJ

Como todo ano acontece, no dia 26 de novembro haverá uma festa de fim de ano da FEMERJ. Desta vez será no Casarão Hermê, mesmo lugar onde o JP comemorou seu aniversário no ano passado (antológico). Esta festa é uma ótima oportunidade de confraternização das galeras de outros clubes e outras tribos de escaladores.

ABERTURA DE TEMPORADA

O Wal conseguiu sete cartazes da última Abertura de Temporada cujo desenho foi feito pelo Salomyth. Os cartazes estão à venda e autografado pelo Mestre Salomyth. Imperdível.

NOVO CABO NO DEDO DE DEUS

Em operação conjunta do CEL e CERJ, presentes seus devidos presidentes, Renatão e Wal, foi colocado um cabo de aço de 44 metros ao lado da Chaminé das Pedras Soltas. Tal cabo foi solicitado pelo PNSO, devido ao risco de vida que os escaladores corriam com cordas fixas em péssimo estado.

MENSALIDADES

A diretoria do CERJ decidiu este ano não haver aumento de nossas mensalidades. Com isso, somos um dos clubes mais baratos do Rio. A diretoria pede então para que os associados mantenham suas mensalidades em dia.

BANFF

Até que enfim saiu: o Banff este ano será nos dias 4 e 5 de novembro, sempre no Cine Odeon.

SERRA DOS ORGÃOS

Nos dias 3 e 4 de dezembro, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos irá comemorar seus 66 anos de fundação. Haverá uma exposição sobre o montanhismo no Parque e também a comemoração dos 40 anos da conquista do Caminho das Orquídeas, os 30 anos da Face Sul do Garrafão e os 20 anos da Conquista da Terra de Gigantes (Pedra do Sino).

UM AMIGO NAS ALTURAS

Falar do Everaldo é um paradoxo, que por um lado é triste a constatação de sua ausência, mas por outro é gratificante poder falar de uma pessoa que tinha muito carinho com o ser humano. Para mim foi um grande privilégio ter convivido com ele por esses quase dezessete anos de amizade que tivemos (nos conhecemos em dezembro de 1988 e pensando bem, morre o amigo físico, mas a sua amizade continua em nossos corações) e que nos quais sempre tinha uma palavra amiga para nos confortar e possuía também grande conhecimento em ervas medicinais e alimentação Zen. Era o companheiro ideal para todas as situações, que apesar de ser muito tímido, também o era muito brincalhão com quem tinha mais intimidade.

No início dos anos 90 quando o CERJ passou por uma crise, foi uma figura fundamental (junto com Rothier, outro amigo querido que também já partiu deixando saudades), que com suas palavras de incentivo, sua dedicação à Diretoria, sua preocupação em dar continuidade as nossas atividades fins, e o carinho com que tratava a todos nós, contribuiu em muito para o restabelecimento do nosso Clubinho.

Meu Querido Amigo Everaldo, você fez o crux da escalada de maior graduação para um montanhista, que é a passagem para o Céu. Vá com Deus.

Muniz

O Wal me pediu para escrever alguma coisa sobre o Everaldo para o boletim e fiquei pensando: "O que escrever sobre o Everaldo?"

- Que ele é uma ótima pessoa? Isso, todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo, já sabem.
- Que ele é um grande amigo? Isso também.
- Que ele é um tremendo companheiro de excursão? É cair no óbvio.
- Que ele é muito importante para o CERJ? É só entrar no clube hoje, e todo mundo sente isso.

E por aí em diante, tudo o que pensava ou escrevia, caía no banal, parecia coisa que se diz quando alguém morre: que ele era legal, era bom, tudo me soava como frase feita, sei lá...só palavras, sem conteúdo. Até que, de repente, observei que tudo que eu pensava ou escrevia estava no presente, eram vivas, atuais e cheguei a uma conclusão: não vou imaginar a ausência, vou sentir a presença, pois sei que em cada cordada, em cada caminhada, em cada cume alcançado, cada paisagem vislumbrada, cada excursão, cada reunião no clube, o Everaldo vai estar presente nas minhas lembranças, nos meus pensamentos e é lá que, pra mim ele passa a residir, pois, afinal, parodiando o poeta, certas pessoas não morrem, ficam encantadas.

Paulo Mauricio Ballato

Novembro

| | |
|-----------|---|
| 03 | LUCIANO DONIZETTI FRANCO |
| 05 | MAOTSE FELIX BRASIL |
| 14 | LUIZ FELIPE RIBEIRO PALMEIRA |
| 14 | SEVERINO FLÁVIO DANTAS GUERRA BARRETTO |
| 18 | CARINA DIAS STAMILE SOARES |
| 19 | CISSA DE ALMEIDA BIASOLI |
| 21 | MARIA D'ÁVILA R. OLIVEIRA |
| 22 | NINO BOTT DE AQUINO |
| 24 | NELSON BRAVIN FERREIRA |
| 26 | WALDECY MATHIAS LUCENA |

ITATIAIA

Ocorreu uma reunião do Conselho Consultivo do Parque. A FEMERJ, representada por Bernardo Collares e Waldecy M. Lucena, conseguiu uma vaga, juntamente da FEMESP. As duas federações também entraram na Câmara Técnica de Montanhismo. O novo diretor do parque, Walter Bher, quer o mesmo tipo de trabalho que a FEMERJ realiza com o PNSO. Temos muito trabalho pela frente!

EVERALDO

O CERJ irá homenagear o Everaldo com várias excursões à Pedra Bonita no dia 2 de novembro. A idéia é estarmos no cume às 11:00 hrs, onde plantaremos uma árvore ao lado da que foi plantada em homenagem ao Rothier. Esses dois pertenceram à Tropa de Choque do CERJ, que mantiveram o CERJ nos difíceis anos 90. A propósito, a Tropa de Choque era um grupo de associados (Muniz, Rothier, Everaldo, Paulo Mauricio Ballado, Claudinho, Saló, etc.) que conseguiram manter o clube em funcionamento, mesmo com tanta gente torcendo contra! Se hoje somos um CERJ forte e coeso, devemos em muito a eles. Com certeza Everaldo foi recebido no cume da montanha mor pelo Rothier, e por essa hora, estão num cantinho batendo aquele papo tranquiilo...

AGRADECIMENTOS

Ao Bernardo, Cris Jorge e ao Maicon pela maravilhosa projeção de slides de escaladas em Bariloche e Los Arenales. A projeção bombou, o clube ficou lotado com gente até no corredor.

Ao Rafael Villaça pela doação de um livro "Marcas do Homem na Floresta", do ambientalista Rogério de Oliveira. Trata-se de um ótimo livro que conta um pouco sobre a história da Mata Atlântica no Rio de Janeiro e suas sucessivas agressões.

Ao Gustavo Silvano pela ótima projeção de slides na sede do CERJ. Foram mostrados slides do Aconcagua, Los Gigantes e também de escaladas realizadas por ele na Bolívia. Valeu Silvano!

Ao Luiz Puppim pela doação de um painel para o ESPAÇO SALOMYTH. Neste painel consta o croqui do Paredão Santos Dumont desenhado pelo mestre Saló.

Mais uma vez ao "Guedes" que não para de doar livros para a nossa biblioteca, sempre a enriquecendo.

CAMINHO DAS ORQUÍDEAS

Tudo começou com a conquista da Agulha do Diabo por Giuseppe Toselli, Almy Ulisséa e outros em 29/06/1941. Três anos antes, na década de 30, Gunther Bucheister, Almy Ulisséa e Toselli lutaram por um caminho que os levassem a base do Penhasco Fantasma (como era conhecido na época) mudando de nome após a conquista para chamar-se Agulha do Diabo. Começaram a exploração pelos vales do Santo Antônio e São João. Conseguiram, enfim, após muita exploração, chegar ao colo do Mirante. Dai desceram até chegar à base da Agulha. O caminho tornou-se oficial para quem quisesse escalar a Agulha. Com o pernoite, teria que acampar no Vale São João. Penoso isto era, não existia na época materiais adequados à montanha. Tudo era refugio do exército: barraca de campanha lona (sem piso), mochila, cantil, botas (não adequadas para montanha), cintos, etc. Tudo isto transportado nas costas, além das duas cordas de sisal (de V2 polegada) de 30 metros cada, e mais, fogareiro com combustível, lanternas de carbureto (usadas pelos mineiros) e alimentação para dois dias. Era "dose para leão". Quando chovia, a excursão transformava-se num verdadeiro inferno e frustração no Vale São João. Além de não fazermos a montanha, tínhamos que transportar tudo de volta no dia seguinte, pesando o dobro. Daí partimos para estudar uma alternativa. Subiríamos a Pedra do Sino, na qual existia o antigo abrigo 4 (hoje temos um novo) e exploraríamos uma descida via São Pedro para a Pedra do Sino, ir ao São Pedro, descer pelo paredão para o Mirante - colo - Agulha e vice-versa, até novamente ao abrigo 3.

Segunda alternativa - Curva Cota 2.000

Estudamos bem esta possibilidade: passando pela base do São Pedro em curva de nível, alcançaríamos o Mirante. Seria mais suave e menos desgastante para se ir à Agulha.

A Exploração

Eu, Minchetti e Thiers descemos o paredão de São Pedro em rappel, em direção ao Mirante e, contornando a base do São Pedro, começamos abrindo a picada (pelo taquaral, verdadeira praga), até alcançarmos o riacho que vai formar mais adiante o famoso Rio Paquequer (consagrado pelo romancista José de Alencar - O Guarani), desbravamos um pouco mais além, encontramos uma parte plana (que limpamos), demos o nome de Acampamento Paquequer. No dia seguinte dormimos no abrigo 3, e descemos a cota 2.000, atravessamos o riacho Assú e, entramos novamente no taquaral (agora no sentido inverso - cota 2.000 - São Pedro (em curva de nível) em direção ao Mirante do Inferno. Passamos pela Pedra do Tapete, onde encontramos as orquídeas e, daí para o encontro do riacho Paquequer. Em 05/09/1965 finalmente a conclusão do Caminho das Orquídeas. Congratulações mutuas, etc. Neste caminho, (3º dia) que abrimos a duras penas (tivemos que usar machados para cortar troncos de árvores mortas caídas) ganhamos uma linda chaminé - face leste - escondida na Pedra de São Pedro, que tratamos logo de escalar e colocar alguns grampos. Um ano após, voltamos, dormimos no local, acampamos no Paquequer, e concluímos esta linda chaminé que balizamos com o nome de Ricardo Cassin (homenagem ao grande alpinista italiano) em 10-09-1966. Este caminho tornou-se o mais viável e o mais usado pelos montanhistas para quem quer escalar a Agulha do Diabo. Além do mais, pode-se ir ao São João ou São Pedro (pelo paredão ou Chaminé Cassin), ou então pode-se fazer também um circuito completo: Pedra do Sino, São Pedro, São João, cota 2.000, Pedra da Cruz, Caminho da Neblina, Queixo do Frade, Nariz do Frade e descendo para o antigo abrigo 2, caminho normal para a sede do P.N.S.O. Enfim, sinto-me feliz por ter aberto O Caminho das Orquídeas, porque nós contribuímos para que todos os montanhistas tivessem um melhor acesso à Agulha do Diabo - a montanha do meu coração - onde tive alegrias e emoções das 37 vezes que eu a escalei e, as noites inesquecíveis que passei no seu platô.

Guardarei este sonho realizado dentro do fundo do meu coração para sempre.

Salomith

